

Editorial

CHEGOU O
CARNAVAL

Foi-se o tempo em que o Carnaval durava apenas três dias. Agora, ele começa muito antes e termina depois do feriado regulamentar. Está mais do que consolidado que, para a sociedade brasileira atual, três dias não são suficientes para extravasar sua alegria.

Um cidadão estrangeiro estranharia o porquê dessa alegria. Com os olhos críticos de boa parte dos brasileiros, mas com a frieza dos que não estão envolvidos na festividade, ele não se dá essa trégua e não vê motivos para o povo comemorar com tanta euforia.

O Brasil dos últimos tempos é um país triste, e, talvez por isso mesmo, mais tenha o povo necessidade de exibir sua felicidade, não aquela da ditadura do bem-estar, conforme reportagem de **O TEMPO** de domingo último, mas aquela do corpo, física mesmo.

Como tentou o antropólogo Roberto DaMatta, uma das formas de compreender a sociedade brasileira é pelo Carnaval, esta festa em que as desigualdades sociais se desfazem e é promovido um enorme congaçamento libertador do indivíduo da depressão.

O fenômeno é particularmente experimentado hoje em Belo Horizonte, há até pouco uma sociedade trancada e moralista, que agora adere, aos milhares, aos blocos, centenas deles, ocupando os espaços públicos e apropriando-se da cidade dividida.

Os primeiros blocos a sair arrastaram multidões e, evidentemente, também provocaram incidentes. Dadas as dimensões dos grupos, a heterogeneidade e a diversidade, se já produzem estranhamentos internamente, muito mais a quem esteja acomodado ao conforto burguês.

Uma festa com essa envergadura é naturalmente transgressora, impondo suas vontades no sentido do exercício da tolerância e da superação dos preconceitos. Nessas circunstâncias, ao poder público resta um mínimo de controle, ao prover a infraestrutura.

Aos incomodados, fica a certeza de que tudo voltará ao normal a partir da Quarta-Feira de Cinzas.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli

PRESIDENTE Laura Medioli

VICE-PRESIDENTE Marina Medioli

DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra SoaresGERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. SantosGERENTE INDUSTRIAL
Guilherme ReisGERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Walmir PradoGERENTE DE MARKETING
Monique ArakiGERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel SantosEDITORA EXECUTIVA
Lúcia CastroSECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da CostaADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo RochaCHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Milton Luiz (interino)

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

Duke

SABE ONDE COMPRO
UM TAPA-SEXO, NOBRE
SENADOR?PRA USAR NO
CARNAVAL?NÃO, NA SABATINA DO
ALEXANDRE DE MORAES!

www.dukechargista.com.br

DUKE



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Botando fé na greve geral das
mulheres por um mundo solidário

Dilma é uma entusiasta, vide trechos de sua convocatória

Os 107 anos da instituição do Dia Internacional da Mulher em 8 de março serão celebrados em diferentes partes do mundo em 2017 com a greve geral das mulheres. Não sem razão. A ideia central é usar a greve como ferramenta política para visibilizar demandas cruciais e dizer ao mundo que exigimos mudanças!

O Dia Internacional da Mulher foi proposto em 1910, na 2ª Conferência Internacional de Mulheres Socialistas, organizada por Clara Zetkin (1857-1933) e Rosa Luxemburgo (1871-1919), tendo como eixo da luta pela emancipação feminina a igualdade de oportunidades no trabalho e na vida social e política – aspirações ainda atuais, tanto que a greve geral das mulheres defende “um feminismo mais amplo, que seja antirracista, anti-imperialista, ‘anti-heterossexista’ e antineoliberal, ao mesmo tempo que faça uma luta que não secundarize as pautas das mulheres negras, pobres, lésbicas, trans e queers”.

Via de regra, o mundo é hostil com as mulheres. O ranking do Fórum Social Mundial de 2015 informa que a Islândia é um dos melhores países do mundo para ser mulher, conquista alcançada a partir do Dia Livre das Mulheres islandesas em 24 de outubro de 1975, “dia em que 90% da população feminina deixou de trabalhar, fazer tarefas domésticas e cuidar dos filhos”.

Outro exemplo vem da Polônia, cuja legislação sobre aborto é de 1933; considerada uma das mais restritivas da Europa, “só permite a interrupção da gravidez em caso de estupro ou incesto, quando representa um risco para a saú-

de da mãe e quando o feto apresenta malformação grave”; e o Parlamento, com o apoio ostensivo da Igreja Católica, pretendia restringir ainda mais! Em 3 de outubro de 2016, as mulheres, vestidas de preto, decretaram greve, não apenas em Varsóvia, mas em muitas cidades. E em 6 de outubro saíram vitoriosas, pois o Parlamento arquivou a proposta de lei de proibição total do aborto!

Em 21 de janeiro passado, cerca de 500 mil pessoas protestaram na marcha das mulheres em Washington, e milhares de outras marcharam em dife-

A ideia central é usar a greve como ferramenta política para visibilizar demandas cruciais e dizer ao mundo que exigimos mudanças!

rentes cidades norte-americanas e do mundo contra a eleição de Trump e sua agenda conservadora. Estima-se que mais de 3 milhões de pessoas marcharam! Para Douglas McAdam, da Universidade Stanford e pesquisador de movimentos sociais nos EUA desde a década de 70, “historicamente, o poder de movimentos sociais deriva de sua capacidade de perturbar a normalidade. Eles ainda podem fazer isso, mas marchas como as que vimos naquele sábado não perturbam – elas servem mais para expressar valores e, nesse sentido, podem ser úteis para o movimento”.

O sucesso da marcha das estadunidenses, um dos maiores protestos da his-

tória dos EUA, deu fôlego para que o feminismo mundial paute com mais vigor a luta contra a misoginia e o conservadorismo. A ex-presidente Dilma Rousseff é uma entusiasta da greve geral de mulheres, vide trechos da convocatória feita por ela: “Nós, no Brasil, estamos em sintonia com os movimentos de mulheres que ocorrem em todo o mundo, como, por exemplo, o movimento Ni Una a Menos, na Argentina, e a convocação de Angela Davis e Nancy Fraser, para uma greve feminista, nos EUA... É preciso, por isso, que todas as mulheres de diferentes matrizes religiosas, opção política, diversidade sexual, negras, brancas, de todas as etnias, se juntem a esse movimento para reagir aos reflexos da política neoliberal que avança sobre a democracia e fortalece discriminações e preconceitos. Em todo o mundo, as mulheres têm assumido a liderança na luta contra a barbárie e mostram sua força e determinação”.

DUKE

